

Revisto e acabado, o "novo compromisso com a Nação" disfarça os subterrâneos fisiológicos que foram acionados para que o documento pudesse ter condições de alcançar o número de subscritores que o presidente Sarney calcula em 300 constituintes, com base nas informações marcadamente otimistas que vem recebendo de seus assessores e líderes.

O objetivo do pacto, conforme antecipamos na semana passada, é simplesmente garantir o sistema presidencialista de governo e os 5 anos de mandato presidencial.

A nova equipe ministerial sairá dos subscritores do documento ou dos resultados obtidos com os governadores relativamente às bancadas.

O governador Quéricia, por exemplo, está reivindicando três ministérios para São Paulo, mas vai ter que provar, primeiramente com as assinaturas, com quantos constituintes peemedebistas pode o presidente contar.

Ainda na sexta-feira — após o encontro que manteve com o presidente Sarney a respeito desse documento e da posição da bancada paulista — foi à noite à residência de Mário Covas para tratar do compromisso e da possibilidade de ter o senador paulista em atividade já na próxima semana, quando o projeto de Constituição deverá ir a plenário.

Apesar das recomendações médicas — neste período em que Covas apenas teve autorização para leitura, evitando debate político —, o governador não poderia esperar, pois o Ministério tem que ser reconstituído, se possível no correr da semana, à base das assinaturas.

Calcula-se que o "pacto com a Nação" e a reforma ministerial sejam anunciados na próxima quarta-feira, já com o presidente seguro das adesões aos dois temas que são o real objetivo do documento.

Não deverá ser hoje, porque a exposição aos dirigentes e líderes partidários ainda não foi feita; nem terça-feira, quando os amigos de Ulysses se reúnem para comemorar os seus 71



anos, sendo provável uma passagem rápida do presidente do Tarantella, para abraçar o aniversariante. Mas, também, não poderia ser na quinta-feira, porque nessa data o presidente estará em Natal, vendo subir o foguete brasileiro Sonda IV e anunciando o preparo de sua produção em escala industrial para sondagem espacial e lançamento de satélites.

Procurando atender à área progressista do PMDB, o presidente foi orientado para incluir temas de sua predileção, como a reforma agrária, a dívida externa, as políticas salarial e habitacional, esperando que esse grupo fique mais à vontade para aderir aos dois temas que são o real objetivo do novo pacto.

Mas o presidente tem sido cáustico quando conversa com seus companheiros e amigos do Congresso. Por exemplo: tem dito que pretende substituir o líder do governo no Senado, Fernando Henrique Cardoso, argumentando que

ele o critica diariamente (ontem inclusive) e isso contraria sua atribuição. Tem sido, no entanto, aconselhado a aguardar a assinatura do documento para definir-se quanto à indicação de novo líder. Tem também afirmado a outros que está convencido de que Ulysses, apesar de toda sua boa vontade, já não controla senão uns 50 deputados, não falando por Mário Covas, Fernando Henrique ou pela maioria sequer da bancada peemedebista na Comissão de Sistematização.

O presidente quer que o documento amarre seus subscritores pessoalmente, condicionando-os a partir do compromisso.

Talvez por isso mesmo, recusou todas as propostas ou compromissos assumidos indiretamente por dirigentes partidários, preferindo as assinaturas.

Ulysses, por isso, é um dos últimos a tomar conhecimento do texto do "novo compromisso com a Nação", fato que está sendo explorado pelo grupo progressista, do que dá exemplo o encontro que o presidente do PMDB teve com dois dos seus representantes, Cristina Tavares e Néelson Fredrich, que procuraram demonstrar "o descumprimento do programa mínimo da Aliança" e posicionando-se pela devolução de todos os cargos.

O PFL, por sua vez, conforme declarações de seus líderes, não deseja ficar comprometido com a administração, nesta fase de impopularidade, embora seus filiados, isoladamente, estejam liberados para atender os apelos do presidente, em caráter pessoal.

Essa situação, e no momento em que a previsão de Tancredo pode efetivar-se com Delfim liderando a oposição, daria ao PFL condições de realizar sua convenção no dia 29 do próximo mês de novembro com posição independente e crítica a Sarney, mas, evidentemente, com sua simpatia para enfrentar as eleições municipais do próximo ano em todo o País, preparando-se, também, para as eleições presidenciais de 1988... ou de 1989...